International business council

ESTUDO SOBRE NECESSIDADES FORMATIVAS DOS SECTORES PRODUTIVOS DA ECONOMIA AFRICANA

RELATÓRIO GERAL

ELABORADO POR IBC SPAIN. MAIO 2020

Conteúdo

1. Contexto económico do continente africano 3
   1.1. Características dos países objeto do estudo 5
2. O processo de industrialização em África 7
   2.1. O papel do capital humano na industrialização 9
3. Contexto da educação no continente africano 10
   3.1. A formação vocacional e profissional em África 11
   3.2. O desenvolvimento de habilidades digitais como parte da formação vocacional 12
4. Financiamento na formação profissional em África 14
   4.1. Introdução 14
   4.2. Financiamento público na África subsariana 15
   4.3. Financiamento privado na África subsariana 16
   4.4. Financiamento público-privado na África subsariana 17
   4.5. Fundos de cooperação internacional 19
   4.1. Projetos multilaterais vigentes de formação profissional no Senegal, Mauritânia e Cabo Verde 24
5. ANEXO. Relação de projetos TVET na África subsariana 26
   5.1. Banco Mundial 26
   5.2. Banco Africano de Desenvolvimento 27
   5.3. União Europeia 28
   5.4. Agência de Cooperação de França (AFD) 29
   5.5. Agência de Cooperação de Luxemburgo 30

Ilustraciones

Ilustração 1.- Evolução do PIB africano. Fonte: Banco Africano de Desenvolvimento e Fundo Monetário Internacional. 3
Ilustração 2.- Repartição do PIB africano por regiões. Fonte: Banco Africano de Desenvolvimento..... 4
Ilustração 3.- Pobreza e desigualdade em África em relação a outras regiões. Fonte: Banco Mundial..... 4
Ilustração 4.- Classificação de países africanos segundo o seu perfil económico. Fonte: Banco Africano de Desenvolvimento. 5
Ilustração 5.- Comparativa do valor acrescentado de fabrico. Fonte: Banco Mundial, Nation Master e McKinsey. 8
Ilustração 6.- Oportunidades para o sector privado no desenvolvimento educativo de África. Fonte: The Business of Education in Africa; Caerus Capital & EY. 12
Ilustração 7.- Clivagem na África subsariana entre a oferta e a procura nas habilidades digitais por nível de habilidade. Fonte: IFC 13
Ilustração 8. Fontes de financiamento em formação profissional. Fonte: UNESCO 15
Ilustração 9. Ajuda Oficial ao Desenvolvimento para a Educação. Fonte:OCDE. 19
Ilustração 10. Doação por países. Fonte: OCDE. Elaboração própria 20
Ilustração 11. Ajuda Oficial ao Desenvolvimento por região (ano 2017). Fonte OCDE. Elaboração própria 21
Ilustração 12- Investimento por subsector em educação ano 2017. Fonte: OCDE. Elaboração própria ... 22
Ilustração 13. Evolução da AOD em África 2000-2017. Fonte OCDE 22

Quadros

Quadro 1. Principais indicadores demográficos, educativos e económicos dos países objeto do estudo. Fonte: elaboração própria a partir de dados de CIA World Factbook. 6
Quadro 2.- Ranking de capacidade industrial 2018. Fonte: UNIDO..... 7
Quadro 3. Tipos de PPP em formação. Fonte: UNESCO. Elaboração própria..... 17
Quadro 4. Imposto sobre salários e mão-de-obra (% sobre PIB). Año 2017. Fonte: OCDE. Elaboração própria..... 19
Quadro 5. Maiores doadores e recetores de financiamento em Educação (2017). Fonte: OCDE. Elaboração própria..... 23
Quadro 6. Projetos multilaterais de FP no Senegal, Mauritânia e Cabo Verde. Fonte: várias. Elaboração própria..... 25

1. Contexto económico do continente africano

O crescimento económico de África atingiu 3,4% em 2019, aproximadamente o mesmo que em 2018[1]. AEmbora estável, esta taxa está abaixo da média decenal de crescimento de 5% para a região. Este crescimento, inferior ao esperado, deveu-se em parte à moderada expansão dos cinco grandes do continente: Argélia, Egito, Marrocos, Nigéria e África do Sul, que em conjunto cresceram a uma taxa média de 3,1%, em comparação com a média de 4,0% do resto do continente. Espera-se que o crescimento médio do continente aumente até 3,9% em 2020 e 4,1% em 2021[2].

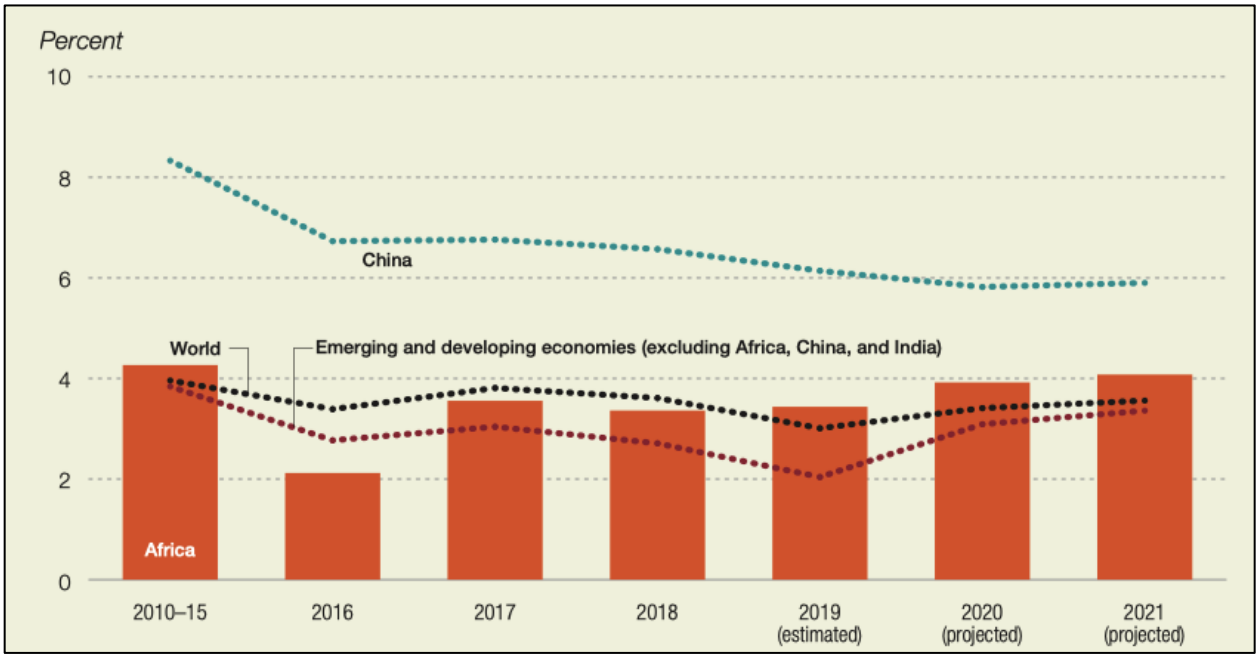

Ilustração 1.- Evolução do PIB africano. Fonte: Banco Africano de Desenvolvimento e Fundo Monetário Internacional.

O crescimento estimado de África oculta importantes variações interregionais e entre países. A África oriental mantém a sua liderança como a região que mais rapidamente cresce no continente, com um crescimento médio estimado de 5,0% em 2019. A África setentrional é a segunda região mais rápida, com 4,1%. O crescimento da África ocidental aumentou para 3,7% em 2019, contra 3,4% do ano anterior. Calcula-se que a África central cresceu 3,2% em 2019, contra 2,7% do ano anterior. O crescimento da África meridional abrandou passando de 1,2% para 0,7%, arrastado por várias catástrofes naturais[3].

[1] Segundo dados da OCDE no seu "African Economic Outlook 2020.
[2] Projeções anteriores à crise da COVID-19.
[3] Passagem dos ciclones Idai (março de 2019) e Kenneth (abril 2019), que causaram especial destruição em Moçambique.

Em 2019, pela primeira vez numa década, as despesas de investimento representaram uma proporção maior (mais de metade) da dinâmica do PIB de crescimento do PIB que o consumo. As exportações líquidas também contribuíram em grande parte, especialmente entre os exportadores de produtos básicos, à medida que se recuperaram os preços do petróleo.

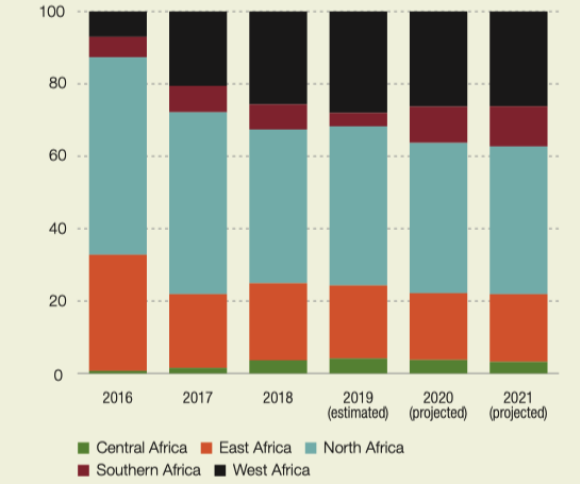

Ilustração 2.- Repartição do PIB africano por regiões. Fonte: Banco Africano de Desenvolvimento.

A inflação continua a ser persistentemente alta. No entanto, a taxa média de inflação do continente diminuiu em 2 pontos percentuais, de 11,2% em 2018 para 9,2% em 2019, com notáveis variações entre países e economias. Os bancos centrais reagiram ajustando as taxas de juro para gerirem a procura interna. Nos países com pressões inflacionárias descendentes, as taxas de juro diminuíram para fomentar o investimento e estimular o crescimento.

Embora muitos países tenham registado fortes episódios de crescimento, relativamente poucos registaram diminuições significativas da pobreza extrema e a desigualdade, que continuam maiores do que noutras regiões do mundo. Em média, entre 2000-05 e 2010-17, o consumo das classes baixas africanas foi crescendo mais lentamente do que o da população média. Enquanto o consumo médio per capita no continente tem vindo a crescer a um ritmo de 3,3% anual durante os dois subperíodos, a taxa média de crescimento dos pobres apenas atingiu 3,0%. Embora as populações pobres tenham beneficiado do crescimento económico sem precedentes do continente entre 2000 e 2016, o crescimento do seu consumo não foi o suficientemente rápido para escaparem à pobreza, que diminuiu a um ritmo muito menor em África do que no resto do mundo em desenvolvimento.

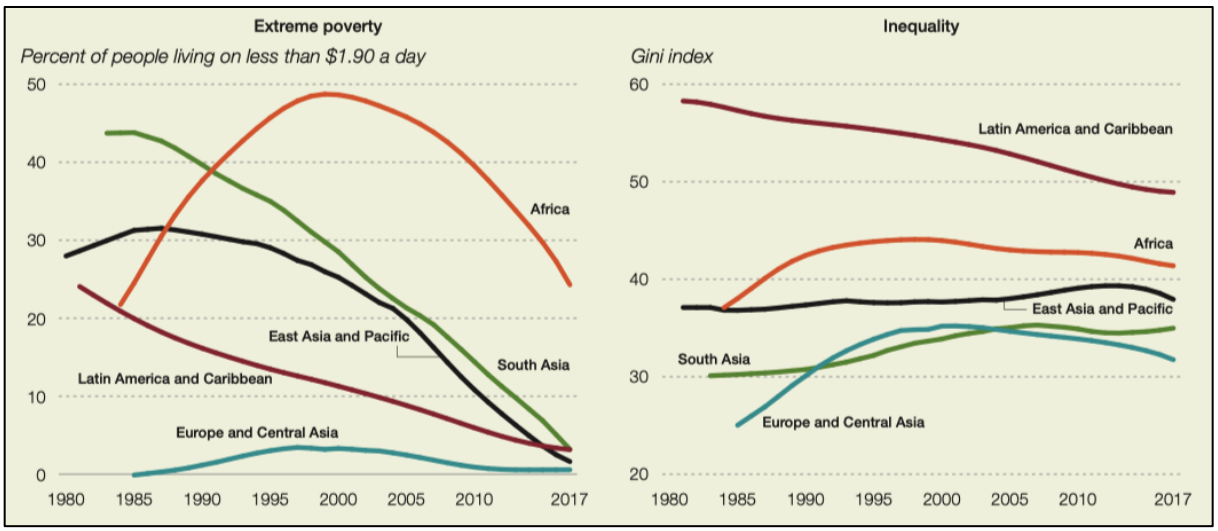

Ilustração 3.- Pobreza e desigualdade em África em relação a outras regiões. Fonte: Banco Mundial.

Oil exporters	Other-resource exporters	Nonresource exporters	Fragile countries	Nonfragile countries
Algeria	Botswana	Benin	Burkina Faso	Algeria
Angola	Burkina Faso	Burundi	Central African Republic	Angola
Cameroon	Central African Republic	Cabo Verde	Chad	Benin
Chad	Democratic Republic of Congo	Comoros	Comoros	Botswana
Congo	Ghana	Côte d'Ivoire	Congo	Burundi
Egypt	Guinea	Djibouti	Côte d'Ivoire	Cabo Verde
Equatorial Guinea	Liberia	Eritrea	Democratic Republic of Congo	Cameroon
Gabon	Mali	Ethiopia	Djibouti	Egypt
Libya	Namibia	Gambia	Eritrea	Equatorial Guinea
Nigeria	Niger	Guinea-Bissau	Guinea	Ethiopia
South Sudan	Sierra Leone	Kenya	Guinea-Bissau	Gabon
	South Africa	Lesotho	Liberia	Gambia
	Sudan	Madagascar	Madagascar	Ghana
	Tanzania	Malawi	Mali	Kenya
	Zambia	Mauritania	Mozambique	Lesotho
	Zimbabwe	Mauritius	São Tomé and Príncipe	Libya
		Morocco	Sierra Leone	Malawi
		Mozambique	Somalia	Mauritania
		Rwanda	South Sudan	Mauritius
		São Tomé and Príncipe	Sudan	Morocco
		Senegal	Togo	Namibia
		Seychelles	Zimbabwe	Niger
		Somalia		Nigeria
		eSwatini		Rwanda
		Togo		Senegal
		Tunisia		Seychelles
		Uganda		South Africa
				eSwatini
				Tanzania
				Tunisia
				Uganda
				Zambia

Ilustração 4.- Clasificación de países africanos según su perfil económico. Fonte: Banco Africano de Desenvolvimento.

De acordo com as projeções da OCDE, caso se mantenham as tendências atuais, África continuará a ficar aquém do objetivo de erradicar a pobreza extrema para 2030. A taxa de pobreza extrema decrescerá de 33,4% em 2018 para apenas 24,7% em 2030, o que está muito por cima da meta de 3% do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. O número de pessoas em situação de pobreza extrema decrescerá ligeiramente em cerca de 8 milhões de pessoas, passando de 429,1 milhões em 2018 para 421,2 milhões em 2030. Além disso, prevê-se que os índices de pobreza em todas as regiões, exceto na África do Norte, se mantenham muito acima da meta de 3% para 2030.

1.1. Características dos países objeto do estudo

m seguida, passamos a comparar os dados socioeconómicos mais relevantes de Cabo Verde, da Mauritânia e do Senegal com os de Espanha, de acordo com os dados da CIA World FactBook, a fim de visualizar aspetos fundamentais que servirão de ponto de partida nas análises sucessivas que se realizarão neste e outros relatórios específicos.

Em primeiro lugar e de um modo geral, há que assinalar a elevada percentagem de população jovem nos países africanos, especialmente na Mauritânia e no Senegal, bem como o seu célere crescimento demográfico (4 vezes mais rápido do que em Espanha).

Destaca-se, igualmente, a percentagem de população urbana nos países africanos, muito inferior à de Espanha, se bem que o ritmo de urbanização esteja a avançar a passos largos devido a fatores tais como a industrialização das suas economias ou as alterações climáticas, entre outros.

Quanto à educação, salienta a alta alfabetização de Cabo Verde e a margem de melhoria no Senegal e na Mauritânia. Quanto às despesas com o ensino em relação ao PIB, Cabo Verde e o Senegal têm despesas superiores às de Espanha, devido entre outros fatores à ajuda oficial ao desenvolvimento, que será analisada neste documento.

No domínio do emprego, os sectores que mais postos de trabalho geram nos três países africanos em apreço são o sector primário e terciário, o que indica que o sector industrial continua a ter nesses países potencial de crescimento, sobretudo na Mauritânia e em Cabo Verde.

Por último, quanto ao aspeto macroeconómico, a Mauritânia, devido à sua alta dependência relativamente à China e às matérias-primas, registou uma diminuição no crescimento económico; nos casos de Cabo Verde e do Senegal constata-se mais resiliência devido à sua diversificação no sector serviços e no turismo. O PIB per capita do Senegal e da Mauritânia, bem como a percentagem de população abaixo do nível de pobreza, são largamente melhoráveis.

Indicador	Unidades	Espanha	Cabo Verde	Mauritânia	Senegal
População	Milhões habitantes	50,10	0,50	4,00	15,70
População 0-14 anos	% População	15,10	27,90	37,56	40,38
População 15-24 anos	% População	9,90	18,69	19,71	20,35
População 25-54 anos	% População	43,60	40,76	33,91	31,95
Crescimento população	%	0,67	1,28	2,10	2,31
População urbana	%	80,80	66,70	55,30	48,10
Despesa em educação	% PIB	4,20	5,20	2,60	4,80
Taxa alfabetização	% População	98,40	86,80	53,50	51,90
Desemprego entre 15-24 anos	% População	34,30	27,80	15,20	8,10
PIB	Biliões USD	1.778,00	0,30	0,17	0,54
Crescimento PIB	%	3,00	4,00	3,50	7,20
PIB per capita	USD	38.400,00	7.000,00	4.500,00	3.500,00
População ativa	Milhões habitantes	22,75	0,19	1,43	6,90
Ocupação sector primário	% população ativa	4,20	8,90	50,00	77,50
Ocupação sector secundário	% população ativa	24,00	17,50	1,90	22,50
Ocupação sector terciário	% população ativa	71,70	73,70	48,10	22,50
Taxa desemprego	% população ativa	17,20	9,00	10,20	48,00
População abaixo nível de pobreza	% População	21,10	30,00	31,00	46,70
Taxa inflação	%	7,00	0,80	2,30	1,30
Utilizadores da Internet	% População	80,60	48,20	18,00	25,70

Quadro 1. Principais indicadores demográficos, educativos e económicos dos países objeto do estudo. Fonte: elaboração própria a partir de dados da CIA World Factbook.

2. O processo de industrialização em África

Devemos considerar o marco recente do arranque da Zona de Livre Comércio Continental Africana (AfCFTA) em março de 2018, que constitui um mercado único de bens e serviços continente cujo objetivo principal é libertar o potencial produtivo e facilitar a industrialização, dinamizando o crescimento sustentável e o emprego.

A principal vantagem da indústria manufatureira é que absorve grandes faixas de trabalhadores, colocando-os em postos produtivos com uma remuneração digna. Ao longo da história, esta receita exata fez dos EUA, o Reino Unido, França, o Japão e Alemanha algumas das nações mais ricas do mundo. Recentemente, uma nova era de industrialização fez da China uma das economias do mundo com o crescimento mais rápido e com a maior classe média, seguida de perto por outros países do sudeste asiático. Todos estes são exemplos de como a industrialização pode gerar uma rápida mudança estrutural, impulsionar o desenvolvimento e reduzir a pobreza e o desemprego.

No entanto, esta narrativa parece excluir muitas nações africanas. Apesar do seu potencial de fabrico e das suas trajetórias prometedoras, a maioria dos países africanos continuou a ter uma relativa escassez de fábricas. A Agência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO) situa os países da África subsariana na cauda do grupo do seu ranking de competitividade industrial (CIP - Competitive Industrial Performance Index), que analisa a capacidade de 150 economias.

Regional rank	Country	Global rank	2010-2016	1990-2016
1	South Africa	45	5	2
2	Swaziland	84	2	14
3	Botswana	85	-5	3
4	Mauritius	86	0	20
5	Namibia	95	8	9
6	Kenya	103	-1	0
7	Côte d'Ivoire	105	12	6
8	Senegal	108	2	-4
9	Gabon	109	-2	-12
10	Congo	113	1	-21
11	Nigeria	115	27	-8
12	Cameroon	117	8	12
13	Zambia	119	2	-6
14	Ghana	123	-4	4
15	Zimbabwe	124	8	31
16	Mozambique	125	-14	-17
17	Madagascar	126	1	-1
18	United Republic of Tanzania	127	6	-10
19	Uganda	129	-2	-15
20	Angola	130	-2	-11
21	Central African Republic	132	-10	2
22	Malawi	134	1	-2
23	Cabo Verde	136	-2	1
24	Niger	140	-1	9
25	Rwanda	141	-3	-8
26	Ethiopia	143	-4	-5
27	Gambia	145	-1	0
28	Burundi	148	3	5
29	Eritrea	149	1	3

Quadro 2.- Ranking de capacidade industrial 2018. Fonte: UNIDO

Este limitado desenvolvimento industrial representa una oportunidad perdida para la transformação económica e la generación de empleo de calidad que alivie la pobreza.

O lado positivo desta situação é o potencial que representa. Prevê-se que as despesas de empresa a empresa no fabrico em África atingirão os 666.300 milhões de dólares em 2030. Especialistas internacionais consideram que África é "o próximo grande centro manufatureiro do mundo", capturando potencialmente parte dos 100 milhões de empregos manufatureiros intensivos em mão-de-obra que sairão da China em 2030. Esta tendência cria uma enorme oportunidade para o continente, não apenas para países como a África do Sul, o Egito e a Nigéria, mas também para os atores mais recentes como a Etiópia, Marrocos, Ruanda e outros (os quais adotaram recentemente políticas que permitem o desenvolvimento do sector industrial e de transformação).

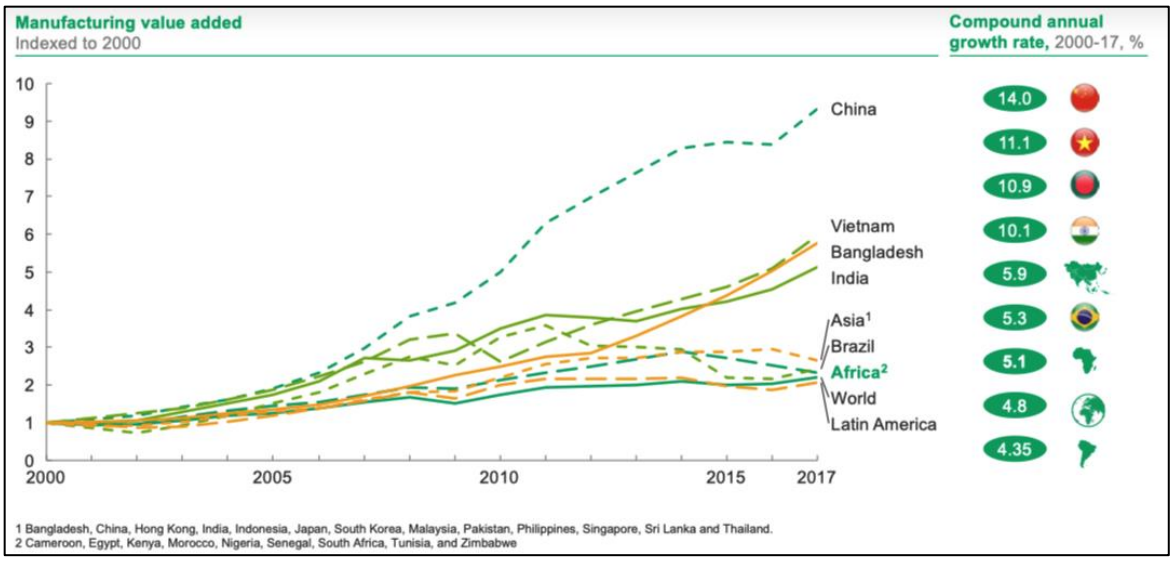

Ilustração 5.- Comparativa do valor acrescentado de fabrico. Fonte: Banco Mundial, Nation Master e McKinsey.

Os líderes mundiais e as principais entidades multilaterais estão-se a aperceber cada vez mais de que o fabrico é um fator importante para ajudar África a concretizar os seus objetivos de progredir para a seguinte etapa de desenvolvimento económico. A União Africana colocou o sector à frente e no centro do seu Programa 2063. Os governos africanos estão a procurar formas novas e inovadoras de atrair investimentos e fomentar a indústria, aplicando estratégias que envolvem investimentos específicos em infraestruturas, uma melhor integração regional e o estabelecimento de zonas económicas especiais para os subsectores prioritários.

A esses fatores devemos agregar outros quatro eixos como motores do desenvolvimento industrial do continente:

- **A demografia**

África contará com 2.000 milhões de pessoas em 2050 - mais de um quinto da população mundial projetada - a maior e mais jovem mão-de-obra para 2025 e mais de 500 milhões de pessoas no mercado de trabalho. A chave para criar o dividendo demográfico de África radica na absorção satisfatória desta mão-de-obra em atividades/sectores de grande intensidade de mão-de-obra e altamente produtivos.

- **A urbanização**

África tem a segunda taxa de urbanização mais alta do mundo e para 2050, 56% da sua população será urbana. Nos próximos 10 anos, espera-se que as 20 cidades maiores de África cresçam 50%. Isso representa novas oportunidades no desenvolvimento das infraestruturas e serviços.

- **A consolidação da classe média e dos mercados internos**

CCom uma população crescente e uma urbanização célere, a classe média está a desenvolver-se e a tornar-se mais numerosa. Em 2010, 150 milhões de africanos constituíam a classe média, um número que se espera que chegue aos 210 milhões em 2020 e aumente para 490 milhões em

2040. Este é um mercado com um valor de 250.000 milhões de dólares e é previsto que cresça a uma taxa anual de 5% para 2025..

- **A digitalização e a inovação tecnológica**

Em 2016, as tecnologias e serviços móveis geraram um valor económico de 110.000 milhões de dólares na África subsariana, o que equivale a 7,7% do PIB. Espera-se que atinja os 142.000 milhões de dólares, ou seja, 8,6% do PIB, para 2020, uma vez que os países estão a beneficiar das melhorias na produtividade e na eficiência pelo aumento da adoção dos serviços móveis. O sector das tecnologias móveis empregava uns 3,5 milhões de pessoas na África subsariana em 2016. Espera-se que o número de ligações de banda larga móvel ultrapasse os 500 milhões em 2020.

2.1. O papel do capital humano na industrialização

No seu nível mais básico, e nomeadamente para os subsectores com uso intensivo de mão-de-obra, a indústria é tão saudável quanto a população que compõe a sua oferta de mão-de-obra. A qualidade da mão-de-obra de um país, ou o seu stock de capital humano, prende-se com a flexibilidade, a produtividade e a capacidade de inovação do país. O analfabetismo, os baixos níveis de educação e as más condições de saúde da população entravam a produtividade de uma fábrica individual e a sua capacidade para absorver novas tecnologias, o que tem um impacto negativo na diversificação dos produtos manufaturados em toda a economia. Além disso, é apenas através da inovação contínua, quer no desenvolvimento de produtos formais quer na melhoria dos processos de gestão - que necessitam de um capital humano de qualidade -, que se pode obter o crescimento de longo prazo.

As provas apoiam o impacto do capital humano no crescimento da indústria transformadora em África. Por exemplo, calcula-se que em África se perdem 40.000 milhões de horas de trabalho cada ano devido a algo tão básico como a falta de água corrente no lar. Obstáculos como este, combinados com o custo e a limitada disponibilidade de medicamentos ou instalações sanitárias seguras, fazem com que as doenças e enfermidades constituam uma limitação constante da produtividade da mão-de-obra africana. A educação e a experiência são limitações particulares para o crescimento das pequenas e médias empresas. No Gana, por exemplo, os proprietários e trabalhadores das PMEs têm em média cinco anos de experiência de trabalho, ou seja, apenas metade da dos proprietários e trabalhadores das grandes empresas.

No entanto, diferentes publicações económicas internacionais avalizam o caminho positivo percorrido quanto ao desenvolvimento do capital humano necessário para a industrialização. Os níveis de educação no continente estão a melhorar, e a proporção da população que completou o ensino primário tem aumentado continuamente nos últimos 40 anos, embora se tenha mantido aproximadamente 20% abaixo da média mundial. Isso é crucial porque vários estudos descobriram que os empresários e gerentes mais instruídos do Quénia e o Zimbabué têm empresas que crescem mais rapidamente. Além disso, muitos mercados emergentes de África já ocupam uma posição muito mais elevada em termos de capacidade de inovação do que os seus indicadores de educação poderiam predizer, como a África do Sul e o Quénia (33º e 34º no mundo quanto à inovação, respetivamente). Outros, como Marrocos (129º no mundo), ainda têm um longo caminho a percorrer, e a melhoria da sua capacidade de inovação dependerá dos progressos no domínio da educação.

A fim de aproveitarem todo o potencial do capital humano de África, os responsáveis pela formulação de políticas deveriam ajustar os planos de estudo para assegurar que as aptidões se adaptam ao mercado. Os responsáveis pela formulação de políticas deveriam rever os currículos para se concentrarem na aquisição de aptidões. Igualmente, deveriam criar-se capacidades para a iniciativa empresarial e o emprego por conta própria por meio de três linhas principais: 1) a formação empresarial a uma idade precoce e o aperfeiçoamento das aptidões a uma idade avançada; 2) uma melhor promoção da ciência, a tecnologia, a engenharia, a capacidade empresarial e as matemática; e 3) a formação profissional e o emprego.

Além disso, os responsáveis pela formulação de políticas deveriam ainda favorecer a migração continental de trabalhadores altamente qualificados como solução imediata à necessidade premente de capital humano.

3. Contexto da educação no continente africano

Apesar dos progressos verificados durante as últimas décadas, África continua atrasada em relação a outras regiões em desenvolvimento no que diz respeito à educação e ao desenvolvimento de aptidões. A maioria dos países africanos, em todos os níveis de renda, mostram um menor nível de educação, quer em quantidade (medida pela média de anos de escolaridade) quer em qualidade (medida pelos resultados das provas ou o nível de escolaridade).

A contribuição da educação para o aumento do crescimento da produtividade laboral a nível macro é limitada em África devido à escassa complementaridade entre o capital humano e o capital físico. Isso é devido possivelmente à baixa qualidade do ensino, uma vez que os anos de escolaridade criam pouco ou nenhum capital humano. O investimento na qualidade do ensino pode aumentar a produtividade dos trabalhadores e as empresas de África.

Os conhecimentos e as qualificações não se utilizam adequadamente nos mercados de trabalho de África. Perto de metade dos jovens empregados apercebem-se que as suas aptidões não se ajustam aos seus empregos, enquanto cerca de dois terços dos jovens têm uma educação inadequada. Esta elevada prevalência de desajustes nas aptidões e na educação tem efeitos prejudiciais nos salários, na satisfação no trabalho e na procura de emprego.

A melhoria da taxa de alfabetização básica é tão importante como a ampliação do ensino superior para aumentar a complexidade económica e integrar melhor África na economia do conhecimento. Para diversificar a capacidade produtiva do continente é necessário melhorar os conhecimentos básicos da mão-de-obra, incluindo os de leitura, escrita e aritmética, e contar com administradores melhor formados e altamente qualificados para aceder aos novos mercados. Os programas de educação e formação devem ser atualizados, adaptados e alargados para se manterem à altura das aptidões técnicas e superiores que são exigidas aos empregos da Quarta Revolução Industrial.

As ações políticas no domínio da educação e o desenvolvimento de habilidades deveriam incluir medidas tendentes a melhorar tanto a quantidade como a qualidade da educação e alinhar a política educativa com as necessidade do mercado de trabalho. Os governos deveriam melhorar o acesso às escolas nas zonas remotas, aumentar os incentivos para investir no ensino, desenvolver um sistema educativo baseado na procura que esteja em sintonia com as necessidades dos empregadores, investir na nutrição

para ajudar as crianças mais pobres a desenvolver as suas capacidades cognitivas e criar capacidade em matéria de tecnologias da informação e as comunicações e tecnologias da informação e as comunicações.

As novas tecnologias oferecem a África oportunidades para inovar e dar um salto na educação e na formação. Muitos países como o Quénia, a África do Sul e Uganda são focos de inovação em matéria de educação, cujas melhores práticas deveriam alargar-se ao todo o continente.

3.1. A formação vocacional e profissional em África

De acordo com o Banco Africano de Desenvolvimento, entre 10 e 12 milhões de jovens do continente entram no mercado de trabalho a cada ano, enquanto são criados apenas 3,1 milhões de empregos, o que deixa um grande número de jovens sem emprego. Além disso, existe uma grande contradição no que diz respeito ao emprego na África subsariana. Não são gerados suficientes postos de trabalho para satisfazer a crescente procura de empregos. No entanto, ao mesmo tempo, regista-se uma carência de aptidões para os empregos disponíveis.

Grande parte da carência de conhecimentos especializados ocorre nos postos técnicos e profissionais. Isso deve-se em parte à perceção negativa do ensino e da formação técnica e profissional por parte do público: os jovens preferem os estudos altamente académicos ao ensino e formação técnica e profissional.

Em África, como noutras partes do mundo, existe um preconceito comum em relação ao Ensino e Formação Técnica e Profissional (TVET). Com frequência, é minado e subestimado, como se fizesse com que aqueles que seguem por esse caminho estivessem fadados ao insucesso na vida. Este estigma causa um grande dano, uma vez que os estudantes que enveredam por essa via - por escolha ou por força - se sentem diminuídos.

Embora possa ser verdade que nalgumas partes do mundo industrializado certos trabalhos técnicos poderão vir a ser substituídos pela automatização num futuro próximo, é provável que não seja assim em África. O continente encontra-se no dealbar da sua própria revolução industrial e necessita mais do que nunca de profissionais técnicos qualificados.

O caminho vocacional não é um caminho de "segunda oportunidade". Não deve ficar reservado aos estudantes que têm um mal desempenho na escola. Infelizmente, a maioria dos pais e mestres têm preconceitos e não consideram esses caminhos de estudo suficientemente bons. Este mal-entendido comum em relação à TVET está a prejudicar todo o sistema no seu conjunto, visto que a TVET, muitas vezes, equipa os jovens mais eficazmente do que a universidade para entrarem no mercado de trabalho.

A TVET informal é a forma principal na África subsariana. Nalguns países representa 80-85% da formação profissional. Os mestres informais são principalmente artesãos de rua: mecânicos, reparadores de eletrodomésticos, eletricistas, canalizadores, alfaiates, cabeleireiros, etc. Os seus aprendizes constituem muitas vezes a sua única mão-de-obra. Mantêm-nos durante cerca de 3 anos e ensinam-lhes o que sabem. Esses aprendizes fazem apenas um trabalho prático, formação no trabalho, e saem da sua formação possuindo habilidades reais e aplicáveis e não com um conhecimento puramente teórico.

Mas existem também desafios ligados a estas aprendizagens informais:

- Os mestres artesãos pedem uma retribuição aos alunos para partilharem os conhecimentos com eles, apesar de que os seus aprendizes costumam ser os seus únicos empregados e contribuem para a sua rotação.
- No sistema informal, não existe um plano de estudos a determinar o que deve ser ensinado ou não. Na maioria dos casos, a formação consiste simplesmente em observar as ações do mestre e imitá-las. Por conseguinte, a qualidade depende em grande medida da motivação e do empenho de cada mestre, mas também do seu nível de conhecimentos.

O sector privado devem desempenhar um papel muito importante na melhoria da formação dos jovens. Mesmo num contexto em que a economia formal representa uma tão pequena da atividade económica da região, é preciso incentivá-lo para que faça mais. A maioria das empresas esforça-se para encontrar os talentos adequados, pelo que é é do seu interesse agir e investir mais no desenvolvimento das aptidões.

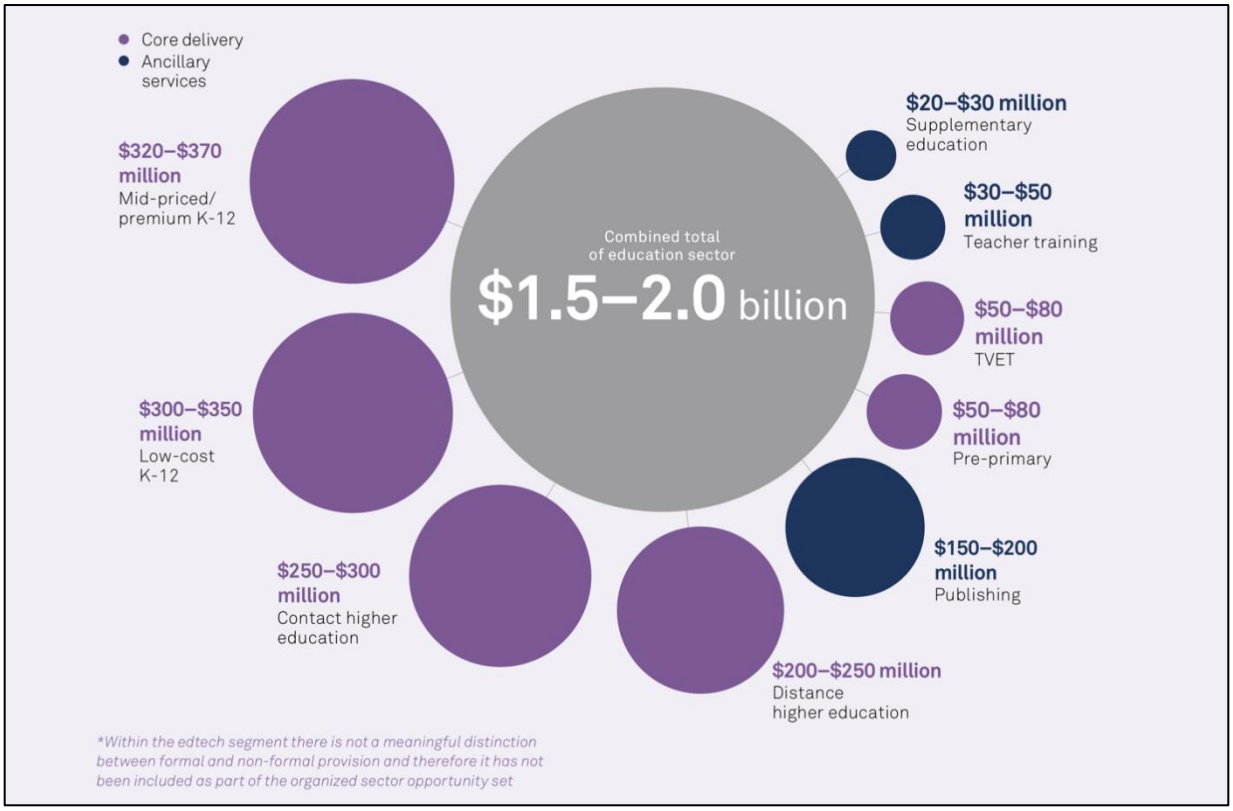

Ilustração 6.- Oportunidades para o sector privado no desenvolvimento educativo de África. Fonte: The Business of Education in Africa; Caerus Capital & EY..

O sector privado pode elaborar programas para propor estágios, programas de graduados e aprendizagens para aliciar e desenvolver os graduados do ensino e formação técnica e profissional.

3.2. O esenvolvimento de habilidades digitais como parte da formação vocacional

Presentemente está em curso uma transição na economia mundial que perturbará o panorama dos empregos e do trabalho. Cerca de 65% das crianças que entram hoje na escola primária, segundo uma estimativa, irão trabalhar num emprego que ainda não existe. A automatização está a desafiar os limites

tradicionais das empresas e a ampliar as cadeias mundiais de fornecimento, o que pode permitir que surjam agrupamentos rurais que liguem as pequenas e médias empresas com oportunidades no mundo inteiro. As plataformas online estão a possibilitar a criação de indústrias totalmente novas e a redefinir as interações com os clientes e os empregados. A automatização está a mudar a procura de mão-de-obra, uma vez que o avanço tecnológico torna possível que as máquinas façam trabalhos que antes eram feitos com mão-de-obra.

Espera-se que a tecnologia aumente a procura de mão-de-obra, mas é provável que a expansão dos novos empregos e a contração dos antigos tenha repercussões diversas nos diferentes sectores. Este período de mudança é conhecido como a Quarta Revolução Industrial, e terá efeitos positivos e negativos. Tanto os trabalhadores de baixa como os de alta qualificação já estão a senti-los, e as economias emergentes com a maioria dos empregos de baixa produtividade correm o maior risco de sofrer perturbações.

Daí que a aprendizagem de novas habilidades seja imperativa. São necessários diferentes conjuntos de habilidades para o futuro, sendo as habilidades sócio-comportamentais e digitais as mais críticas para o êxito. Os empregadores preveem que mais de 40% das habilidades requeridas à mão-de-obra mudarão antes de 2022, com mais de metade dos trabalhadores necessitando aprender habilidades diferentes ou mais avançadas.

Os conhecimentos digitais são essenciais para a futura mão-de-obra de África, sendo os conhecimentos básicos os mais importantes. O mercado de trabalho das aptidões digitais na África subsariana já está muito desenvolvido e espera-se que a procura aumente.

É mais provável que esses conhecimentos contribuam para mobilizar a crescente classe média da África subsariana. Quase 65% das pessoas contratadas para empregos nas empresas africanas inquiridas precisam no mínimo de um nível básico de conhecimentos digitais. Os conhecimentos básicos são essenciais, mas a competitividade também dependerá da capacidade do crescente sector dos serviços da região para aproveitar os conhecimentos digitais intermédios, como a utilização de programas informáticos profissionais e a gestão de dados. Alguns conhecimentos intermédios e avançados, como a análise de dados e a inteligência artificial / aprendizagem automática, são identificados entre os principais conhecimentos necessários à futura mão-de-obra. É provável que a proporção de empregados que necessitam de conhecimentos digitais mais avançados aumente à medida que os sectores forem adquirindo mais formação digital.

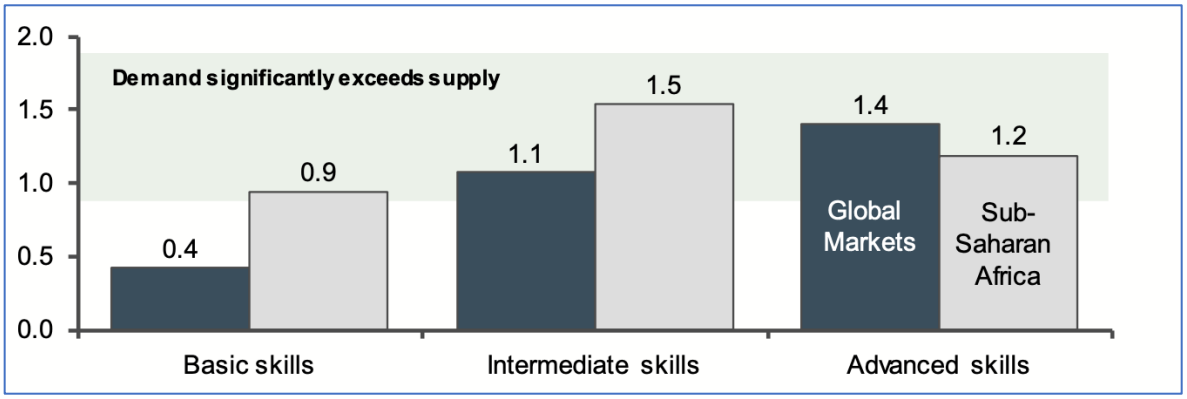

Ilustração 7.- Clivagem na África subsariana entre a oferta e a procura nas habilidades digitais por nível de habilidade. Fonte: IFC

Haverá 230 milhões de empregos digitais na África subsariana para 2030. Tal irá traduzir-se em quase 650 milhões de oportunidades de formação para 2030, incluindo o retreinamento necessário.

A tecnologia digital permite aos agricultores obterem uma melhor informação, inclusive da administração pública, o que pode melhorar a produtividade agrícola. Igualmente, precisam de conhecimentos digitais para aceder a seguros, programas de poupança e créditos para comprar ferramentas agrícolas. É provável que a procura de conhecimentos digitais também venha a aumentar nos sectores industriais porque a tecnologia pode ajudar a mitigar os perigos dos trabalhos físicos, e ferramentas como os vídeos online e as mensagens de texto podem servir de apoio à formação e à comunicação no trabalho. A indústria dos serviços tem os níveis mais altos previstos de requisitos de conhecimentos digitais.

A maior necessidade de conhecimentos digitais na África subsariana é a formação entre empresas (B2B) e entre empresas e governos (B2G). Os produtos e serviços educativos costumam prestar-se de uma das três formas seguintes: de empresa a empresa, de empresa a governo ou de empresa a consumidor. Os modelos de empresa a empresa implicam a venda de produtos ou serviços a instituições tais como escolas, entidades empresariais ou fornecedores de educação. Os modelos de empresa a governo implicam a venda de produtos ou serviços a governos locais ou nacionais, enquanto os modelos de empresa a consumidor da educação são destinados aos consumidores, com produtos que costumam comprar os estudantes e os pais.

4. Financiamento na formação profissional em África

4.1. Introdução

Normalmente, em todos os países o Estado continua a ser o maior contribuinte para as despesas de educação geral e de formação profissional e técnica. De acordo com o Banco Mundial, a média anual mundial de investimento público em educação no seu conjunto foi de 4,6% do PIB em 2016 (último dado disponível).

No caso de África subsariana, o nível de recursos públicos atribuídos varia entre 1,1% e 9,6% o investimento do PIB na África subsariana, sendo 4,6% do PIB a média em investimento em educação na África subsariana em 2018.

Este nível de investimento em educação em termos de PIB na região, obriga a maioria dos países a adotar uma estratégia de diversificação das fontes de financiamento de modo a alcançar um âmbito mais vasto, ao mesmo tempo que os custos de formação são otimizados .

A nível geral, tanto a nível global, como no caso concreto da África subsariana, existem diferentes fontes de financiamento para a formação profissional e vocacional, que a UNESCO resume abaixo:

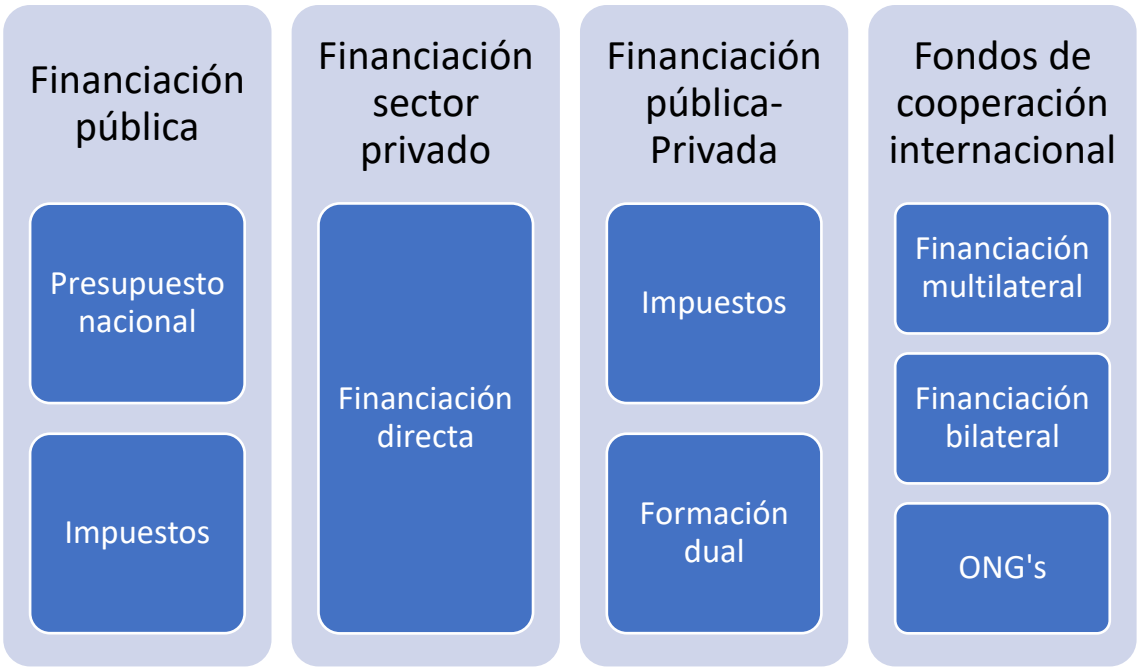

Ilustração 8.Fontes de financiamento em formação profissional. Fonte: UNESCO

4.2. Financiamento público na África subsariana

A introdução de um imposto geralmente aplicado aos salários das empresas com frequência foi acompanhada da criação de fundos de formação, que fornecem um quadro institucional diferente dos canais orçamentais do governo para a recolha e distribuição de recursos em benefício do desenvolvimento de habilidades no sector produtivo. Inicialmente introduzidos na América Latina, estes fundos também existem em África, na Ásia e na Europa.

È possível diferenciar três tipos de fundos na África subsariana, segundo um estudo publicado pela Agência de Cooperação de França (AFD, sigla em francês):

- Formação contínua autónoma e fundos de aprendizagem com financiamento garantido: estes fundos centram-se em melhorar as habilidades dos empregados no trabalho, dos dos jovens na fase de profissionalização e dos trabalhadores na fase de criação de empresas. Esta abordagem vai de par com uma autonomia de tipo administrativo e a garantia de uma renda estável. Exemplos: FONAP-Chad, FDFP-Côte d'Ivoire, ONFPP-Guinea)

- Fundos de formação contínua relativamente autónomos com financiamento incerto: estes fundos implementam formação contínua e aprendizagem, mas os recursos do imposto vão através do Tesouro e apenas são reembolsados parcialmente como um subsídio; isso não assegura recursos estáveis, desligando-os da base tributável e minando a operação autónoma do fundo. Exemplos:

FODEFCA-Benín, FAFPA-Burkina Faso, FAFPA-Mali, FAFPCA-Níger, 3FPT-Senegal (ex FONDEF), FNAFPP-Togo

- Fundos com finalidade de serviço público que beneficiam da devolução parcial ou total do imposto: estes fundos, como os dois primeiros tipos de fundos, comprometem-se a fortalecer a formação contínua e a aprendizagem enquanto assumem missões que são competência do Estado. A ONFP no Senegal pode estar neste grupo, muito embora não possa ser equiparada aos outros modelos de fundos. Exemplos: ACFPE na República Centro-africana e FAP-FTP na Mauritânia.

4.3. Financiamento privado na África subsariana

Em quase todos os países, a formação profissional e técnica não governamental é percentualmente alta e está a aumentar em termos de número de instituições e de estudantes. Esta tendência prende-se com o facto de os fornecedores privados oferecerem formação para o sector informal, que é o mercado de trabalho que se expande mais rapidamente em toda a África, ao passo que as instituições públicas formam principalmente para o sector industrial formal, que está a crescer a um ritmo muito mais lento.

Os sistemas em África variam de um país para outro, uma vez que se promovem em diferentes níveis e em diferentes tipos de instituições, incluindo as escolas técnicas e vocacionais (públicas e privadas), politécnicos e empresas.

É provável que à medida que os países lidam com o sector, ascendam na cadeia de valor de uma maior transparência de dados, facultando uma compreensão completa dos seus sectores privados.

Atualmente, 21% ou um em cada cinco alunos tem educação no sector privado. Com as taxas atuais de crescimento, espera-se que este número aumente para um em cada quatro alunos em 2021, segundo o relatório "The Business of Education in Africa" elaborado pela Caerus Capital.

Apesar das melhorias significativas, 30 milhões de crianças na África subsariana ainda não têm acesso a qualquer forma de escolarização e cerca de mil milhões de crianças necessitarão de educação nas próximas três décadas.

O sector privado do ensino está a crescer mais depressa do que o público na maioria dos segmentos de educação em SSA, do ensino primário ao secundário e superior. O ensino privado em África oferece uma oportunidade de investimento de 16-18 mil milhões de dólares nos próximos cinco anos.

O sector da educação privada continuará a desempenhar um papel complementar na educação das crianças, jovens e adultos que trabalham em África. O futuro da educação nos mercados emergentes, incluindo África, serão sistemas híbridos, não um monopólio de financiamento público com provisão pública de serviços educativos, serão público-privados, tal como será explicado seguidamente.

4.4. Financiamento público-privado na África subsariana

Existe um potencial significativo para expandir o acesso e melhorar a qualidade e relevância através de parcerias público-privadas (PPP). O sector privado poderia estar melhor integrado contando com o envolvimento do governo e cedendo a gestão para conseguir uma maior rentabilidade e / ou com um maior grau de inovação do que o sector público.

Os acordos de PPP podem dar-se em qualquer etapa, desde uma situação "incipiente", na qual as condições para a participação do sector privado tão-só estão a cumprir-se, até situações nas quais o sector privado está "comprometido" ou "integrado" na prestação pública.

Os modelos de PPP em educação compreendem uma variedade de áreas. Há modelos existentes na África subsariana e em todo o mundo, exemplos ilustrativos dos quais são apresentados abaixo:

Tipo de PPP	Exemplos
Formação	- Gestão escolar terceirizada - Proporcionar fundos para operadores privados - Promover a inovação
Desenvolvimento de infraestruturas educativas	- Construção e / ou gestão de instalações públicas - Compartir infraestrutura pública
Contratação de serviços	- Programas de formação para docentes - Aquisições - Aprendizagem de idiomas - Formação online - Elaboração de sistemas de dados - Acesso a sistemas de aprendizagem

Quadro 3. Tipos de PPP em formação. Fonte: UNESCO. Elaboração própria

Contudo, embora os governos reconheçam as capacidades do sector privado e estejam dispostos a formar parcerias, apenas houve exemplos limitados de realizações concretas no sentido dos modelos de parceria público-privada na África subsariana.

Igualmente, em muitos países africanos, o sector privado contribui de forma indireta através dos salários, e tais fundos servem para financiar a sua segurança social, bem como uma parte dos programas de formação. De acordo com a OCDE, a cobrança de impostos incidentes sobre a massa salarial e a mão-de-obra em África situou-se em 0,2% do PIB no ano 2017 (último dado disponível) contra 0,1% que representava em 2008. Dentro de África, a Costa do Marfim é a que mais cobra em termos percentuais do PIB com 2%.

Se compararmos a cobrança deste tipo de impostos, podemos observar que, no ano 2017, em termos percentuais, a cobrança na América Latina também se situou em 0,2% do PIB dessa região; em contrapartida, nos países da OCDE situa-se em 0,4% do PIB desse bloco económico.

Embora não existam dados específicos dos montantes que são destinados à formação profissional de forma direta, à medida que os países africanos forem consolidando o sistema de cobrança de impostos sobre os salários, irá fortalecendo-se gradualmente o sistema de formação profissional público.

Imposto sobre os salários e a mão-de-obra (% sobre PIB). Ano 2017	
OECD – Média	0,4 (ano 2016, último dado disponível)
África	0,2
América Latina e Caraíbas	0,2
Botsuana	0,0
Burquina Faso	0,2
Camarões	0,3
Cabo Verde	0,0
Congo	0,4
República Democrática do Congo	0,1
Costa do Marfim	2,0
Egito	0,0
Guiné Equatorial	0,0
Gana	0,0
Quénia	0,0
Madagáscar	0,0
Mali	0,2
Mauritânia	0,0
Maurício	0,1
Marrocos	0,0
Níger	0,1
Nigéria	0,0
Ruanda	0,0
Senegal	0,1
Seicheles	0,0
África do Sul	0,3
Suazilândia	0,0
Togo	0,2

Tunísia	0,4
Uganda	0,0

Quadro 4. Imposto sobre os salários e a mão-de-obra (% sobre PIB). Ano 2017. Fonte: OCDE. Elaboração própria

4.5. Fundos de cooperação internacional

A ajuda oficial ao desenvolvimento em educação foi de 12.300 milhões de dólares em 2017, inferior do máximo histórico de 12.700 milhões de dólares em 2016. Apesar desta diminuição de 3%, o financiamento continua a ser superior aos 11.100l milhões atribuídos em 2014 e 2015. A percentagem do financiamento total de ajuda ao desenvolvimento destinada à educação diminuiu de 8% em 2012 para 6,5% em 2017.

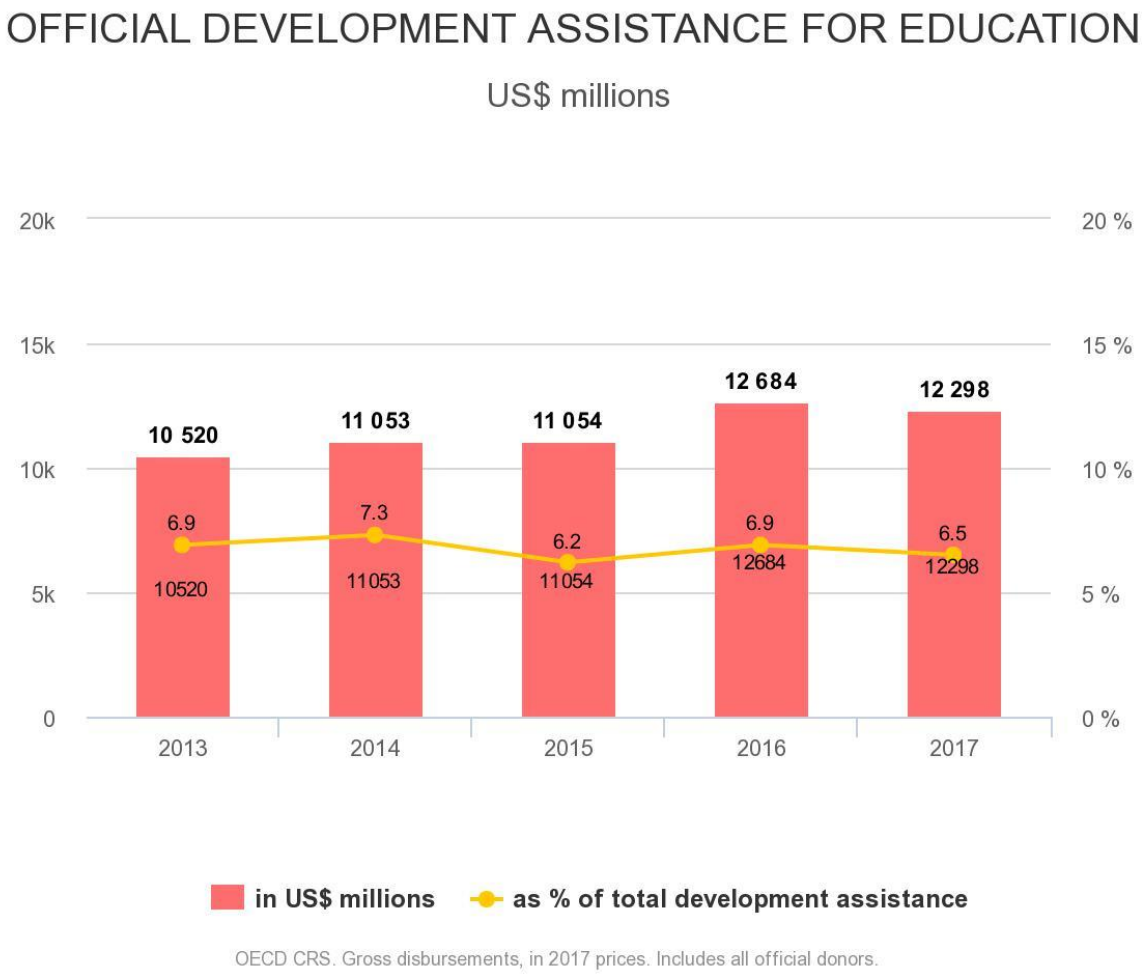

Ilustração 9. Ajuda Oficial ao Desenvolvimento em Educação. Fonte:OCDE

De acordo com dados da OCDE, os maiores doadores à educação em 2016 (o último ano de que se dispõe de dados completos específicos de todos os doadores) foram Alemanha, os EUA, o Reino Unido, França e o Japão com os seguintes montantes:

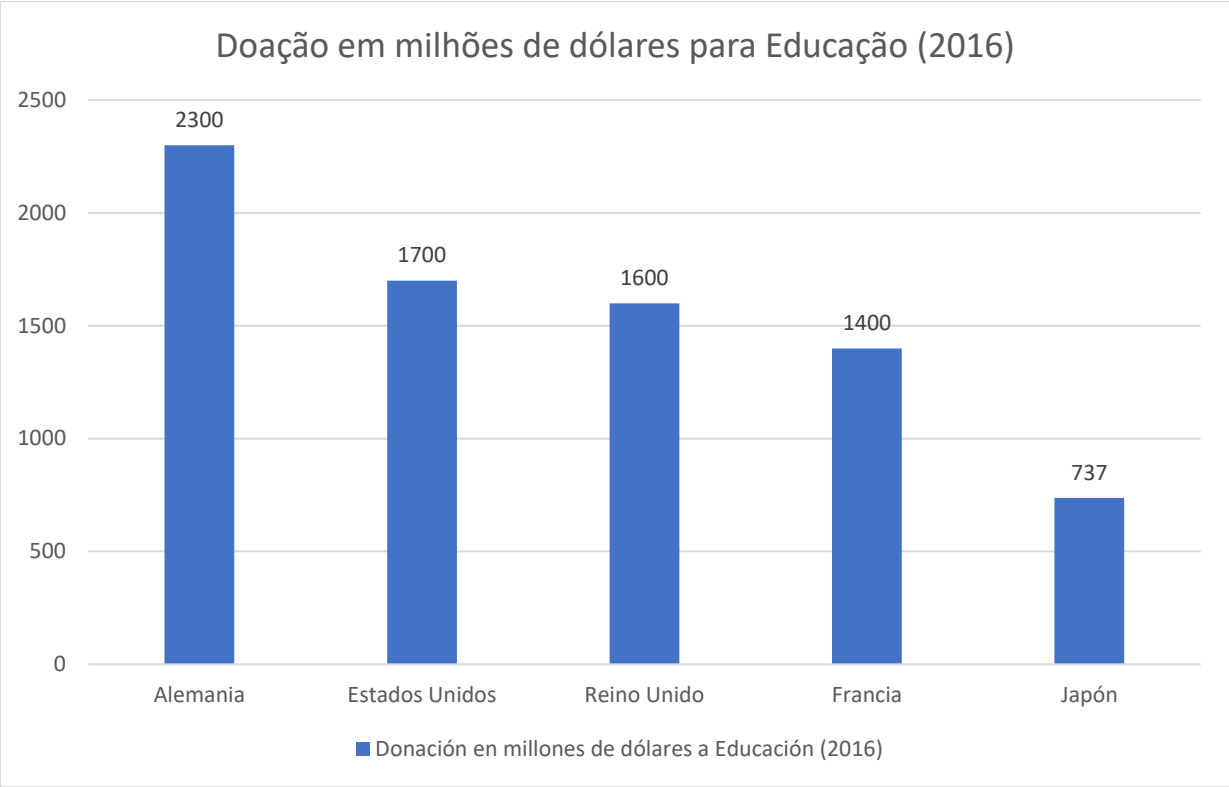

Ilustração 10. Doação por países. Fonte: OCDE. Elaboração própria

Estes cinco países reúnem 60,92% do total de 12.700 milhões dedicados à educação em 2016 no âmbito da cooperação. Estes dados incluem os fundos bilaterais e contribuições para organizações multilaterais que financiam programas de educação, bem como bolsas e outros custos de estudantes de países recetores que estudam em países doadores (que não constituem fluxos financeiros transfronteiriços) e que são elevados em Alemanha (1.100 milhões de dólares) e França (804 milhões de dólares em 2016). Se excluirmos esta rubrica, a classificação muda ligeiramente: EUA, Reino Unido, Alemanha, Japão e França por esta ordem.

Quando se observa a proporção da rubrica de educação dentro do financiamento total por país doador para ajuda oficial ao desenvolvimento, segundo a OCDE, os principais doadores em educação são a Nova Zelândia (16%), Portugal (15%), o Luxemburgo (14%), a Hungria (13%) e a Eslovénia (12%).

Quanto aos recetores de fundos, no caso concreto de África, no ano 2017 África foi a primeira recetora de Ajuda de Oficial ao Desenvolvimento recebendo 52.800 milhões de dólares, representando 32,43% do total de ajudas oficiais, segundo dados da OCDE:

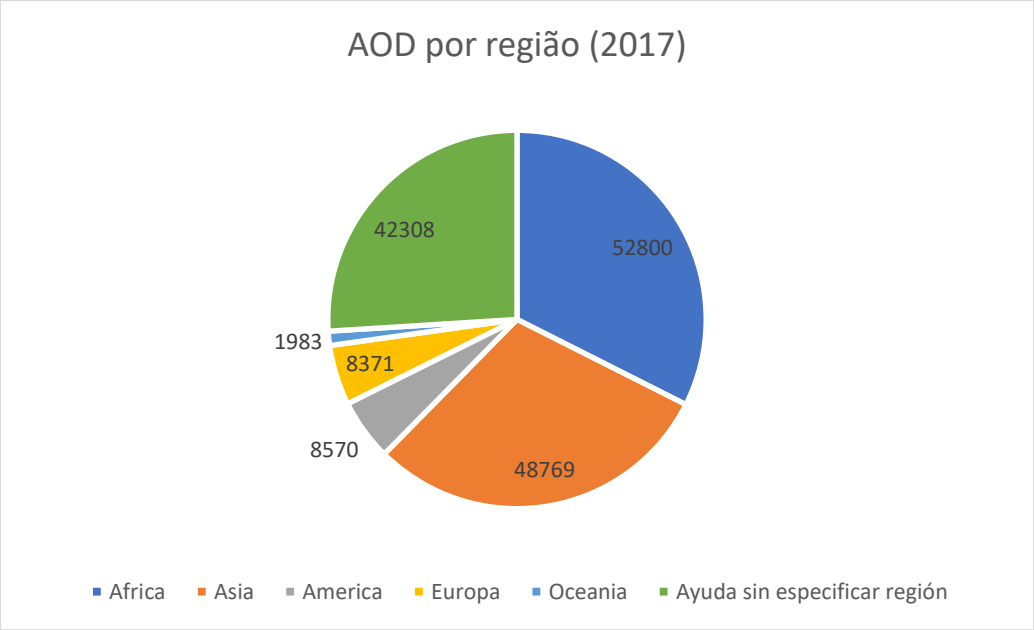

Ilustração 11. Ajuda Oficial ao Desenvolvimento por região (ano 2017). Fonte OCDE. Elaboração própria

Se entrarmos na análise do investimento ou doação da ajuda oficial ao desenvolvimento no domínio da educação e os seus subsectores em África, segundo dados da OCDE, em 2017, vemos que o continente recebeu 5.397 milhões de dólares, dos quais 4.258 milhões estavam comprometidos em investimentos em política educativa, a investigação com 1.323 milhões de euros e 1.271 milhões de dólares para ensino pós-secundário, conforme se verifica no gráfico abaixo.

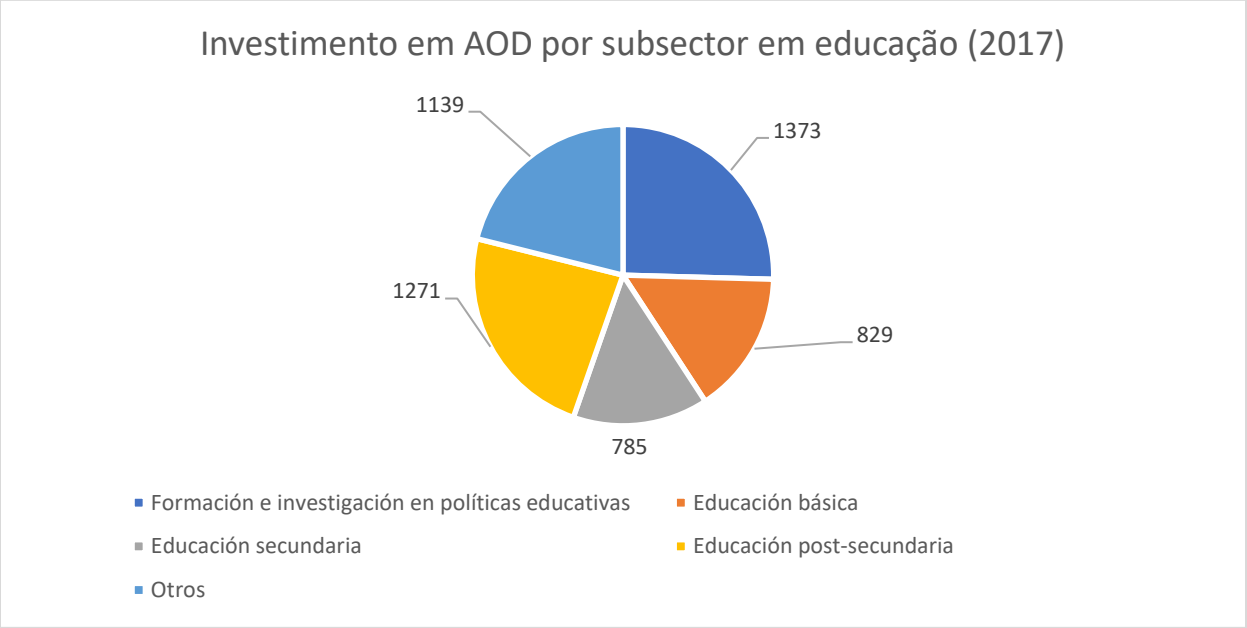

Ilustração 12- Investimento por subsector em educação ano 2017. Fonte: OCDE. Elaboração própria

A evolução da ajuda oficial à educação em África tem-se mantido estável no tempo, sobretudo desde o ano 2000 e 2017 entre os fundos multilaterais e bilaterais, segundo dados da OCDE.

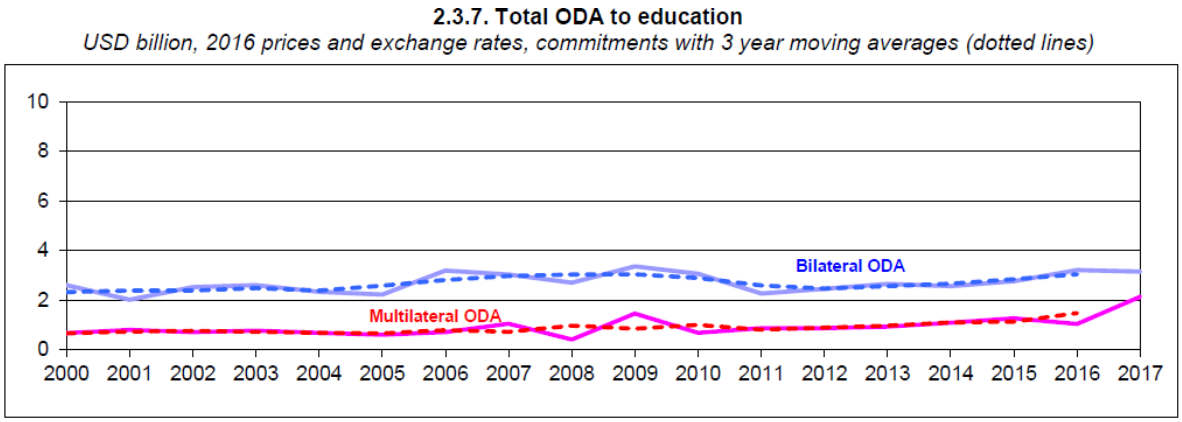

Ilustração 13.Evolução da AOD em África 2000-2017. Fonte OCDE

Em seguida, cruzam-se dados num quadro com os dez principais doadores de AOD com os dez principais países recetores desses fundos para a educação no continente africano em 2017. A análise dos referidos dados indica que a primeira posição entre os organismos que mais contribuem para o desenvolvimento da educação em África é ocupada pela Associação Internacional para o Desenvolvimento Internacional (IDA) do Banco Mundial, com 37,22% da contribuição total em 2017.

A seguir ao IDA, vêm de longe França com 14,62% do total e os EUA com 13,19%. Os dez principais doadores em 2017 representaram 90,27% do total da ajuda ao desenvolvimento em educação nesse ano, segundo dados da OCDE.

Quanto aos principais países recetores, como se verifica na quadro abaixo, em 2017 o principal país recetor de fundos para educação foi a Nigéria, seguida de Marrocos e a Etiópia. Esses três países acumularam 36,24% do total dos 5.397 milhões de dólares e os dez principais recetores de AOD para a educação receberam 62,85% do total desta ajuda oficial em educação em África no ano 2017, segundo dados da OCDE:

Contribuições (milhões de dólares)	Nigéria	Marrocos	Etiópia	Tanzânia	Quénia	Egito	Moçambique	Ruanda	Costa do Marfim	Argélia	Outros	Total
IDA (Banco Mundial)	617	-	475	80	200	-	63	120	38	-	228	**1 820**
França	3	239	4	1	1	13	1	2	23	113	388	**789**
Estados Unidos	23	236	44	21	17	65	5	6	31	-	265	**712**
Alemanha	18	42	23	4	22	52	23	4	2	8	305	**504**
Japão	2	4	18	3	9	119	6	4	1	0	141	**307**
UE (todas as instituições)	-	79	-	-	-	-	-	-	-	-	172	**251**
Noruega	5	-	11	2	0	0	1	0	0	-	134	**153**
Suécia	0	0	5	127	1	0	-	1	-	0	11	**145**
Itália	1	0	6	3	2	0	44	0	3	0	54	**113**
Reino Unido	6	0	2	27	2	4	0	8	0	0	29	**78**
Outros	7	52	36	22	9	7	62	18	34	3	275	**523**
Total	**682**	**651**	**623**	**288**	**262**	**260**	**204**	**165**	**132**	**125**	**2 004**	**5 397**

Quadro 5. Maiores doadores e recetores de financiamento em Educação (2017). Fonte: OCDE. Elaboração própria

4.1. Projetos multilaterais vigentes de formação profissional no Senegal, a Mauritânia e Cabo Verde

O quadro que se segue apresenta os projetos ativos do Banco Mundial, o Banco Africano de Desenvolvimento, a União Europeia e as principais agências de cooperação bilateral que operam na África subsariana e nomeadamente nos países em apreço. Igualmente, consta nos anexos a lista integral de projetos vigentes no continente africano.

País/Região	Projeto	Organismo financiador	Organismo local coordenador	Montante
Senegal	SENEGAL - Skills for jobs and competitiveness	Banco Mundial	Direction de la Formation Professionnelle et Technique	35.000.000 (USD)
Mauritânia	Mauritania First Competition and Skills DPO	Banco Mundial	Direction de la Formation Professionnelle	50.000.000 (USD)
Benim, Burquina Faso, Costa do Marfim, Guiné, Mali, Senegal	Compétences pour Demain	Agência de Cooperação de França (AFD)	Comité National pour le Développement des Réseaux de l'Education en Afrique de l'Ouest – Sénégal (CNDREAO)	2.000.000 (EUR)
Benim, Burquina Faso, Camarões, Madagáscar, Mali, Marrocos, Senegal, Chade, Togo	Être solidaires pour la réussite des jeunes et des territoires ruraux MFR	Agência de Cooperação de França (AFD)	MFR Senegal	1.800.000 (EUR)
Cabo Verde	Employment and Employability	Agência de Cooperação do Luxemburgo	Direcção geral do Emprego, Formação Profissional e Estágios Profissionais	10.000.000 (EUR)
Cabo Verde	Supporting the partnership between the Center for Renewable Energies and Industrial Maintenance (CERMI) and the Center of competence-Technical	Agência de Cooperação do Luxemburgo	Direcção geral do Emprego, Formação Profissional e Estágios Profissionais	10.000.000 (EUR)

	Engineering of Luxembourg (CdC-GTB)			
Cabo Verde	Strengthening the regional positioning of the Center for Renewable Energy and Industrial Maintenance of Cabo Verde	Agência de Cooperação de Luxemburgo	CERMI	2.000.000 (EUR)
Senegal	Vocational and Technical Training and Employability	Agência de Cooperação do Luxemburgo	Direction de la Formation Professionnelle et Technique	30.223.850 (EUR)
Senegal	Developing Employment in Senegal: Strengthening Employability and Business Competitiveness in Departure Areas	Agência de Cooperação do Luxemburgo	Direction de la Formation Professionnelle et Technique	19.000.000 (EUR)
Burquina Faso, Camarões, Chade, Gâmbia, Gana, Guiné, Costa do Marfim, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal	Archipelago	Comissão Europeia	Vários	15.000.000 (EUR)

Quadro 6. Projetos multilaterais de FP no Senegal, Mauritânia e Cabo Verde. Fonte: várias. Elaboração própria

5. ANEXO. LRelação de projetos TVET na África subsariana

5.1. Banco Mundial

Título de projeto	País	Nº Projeto	Montante (milhões de dólares)	Estado	Montante (milhões de dólares)
CHAD Skills Development for Youth Employability Project	Chade	P164297	50.00	Ativo	June 21, 2019
Maldives: Enhancing Employability and Resilience of Youth Project	Maldives	P163818	20.00	Ativo	June 14, 2019
Social Protection and Skills Development Project	São Tomé e Príncipe	P163088	10.00	Ativo	September 27, 2018
Niger Skills Development for Growth Project Additional Financing	Níger	P163467	50.00	Ativo	April 10, 2018
Gabon - Skills Development and Employability Project	Gabão	P146152	100.00	Ativo	February 10, 2016
Additional Financing for Mozambique Higher Education Science and Technology Project	Moçambique	P146602	45.00	Ativo	April 28, 2015
SENEGAL - Skills for jobs and competitiveness	Senegal	P145585	35.00	Ativo	December 8, 2014
CONGO - Rep. Skills Development for Employability Project	República do Congo	P128628	10.00	Ativo	September 17, 2013
NIGER Skills Development for Growth Project	Níger	P126049	30.00	Ativo	April 30, 2013
Mauritania First Competition and Skills DPO	Mauritânia	P167348	50.00	Ativo	July 24, 2019

5.2. Banco Africano de Desenvolvimento

ID	Project name	Country	Status	Approval
P-NA-I00-001	EDUCATION AND TRAINING QUALITY IMPROVEMENT PROJECT	Namibia	Ongoing	04-Dec-2017
P-ZM-IAD-002	EDUCATION FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT IN AFRICA (ESDA-NMRM) - NATURAL MINERAL RESOURCE MANAGEMENT	Zambia	Ongoing	14-Dec-2016
P-ZA-IA0-002	MIC - EDUCATION FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT IN NATURAL MINERAL RESOURCES MANAG. OPERATION (MIC-ESDA)	South Africa	Ongoing	19-Feb-2016
P-NA-IAD-004	MIC - SUPPORT TO THE NAMIBIA NATIONAL COUNCIL ON HIGHER EDUCATION (NCHE)	Namibia	Ongoing	03-Feb-2016
P-SD-IA0-001	CAPACITY BUILDING FOR IMPROVED QUALITY OF THE EDUCATION SYSTEM AND SKILLS DEVELOPMENT	Sudan	Ongoing	20-May-2015
P-Z1-IB0-016	EAST AFRICA'S CENTRES OF EXCELLENCE FOR SKILLS AND TERTIARY EDUCATION IN BIOMEDICAL SCIENCES PHASE 1	Multinational	Ongoing	03-Oct-2014
P-TZ-IAD-001	SUPPORT TO TECHNICAL VOCATIONAL EDUCATION AND TRAINING AND TEACHER EDUCATION	Tanzania	Ongoing	02-Apr-2014
P-ZM-IA0-005	SUPPORT FOR SCIENCE AND TECHNOLOGY EDUCATION PROJECT (SSTEP/HEST)	Zambia	Ongoing	20-Nov-2013
P-UG-IAD-001	HIGHER EDUCATION SCIENCE AND TECHNOLOGY (HEST) PROJECT	Uganda	Ongoing	21-Nov-2012
P-KE-IAD-001	SUPPORT TO HIGHER EDUCATION SCIENCE AND TECHNOLOGY TO ENHANCE QUALITY - HEST PROJECT	Kenya	Ongoing	14-Nov-2012
P-MW-IAD-001	SUPPORT TO HIGHER EDUCATION SCIENCE & TECHNOLOGY & TECHNICAL, ENTREPRE.AND VOCATIONAL EDUC PROJECT	Malawi	Ongoing	08-Feb-2012

ID	Project name	Country	Status	Approval
P-ER-IAE-001	SUPPORT TO TECHNICAL AND VOCATIONAL EDUCATION AND TRAINING - STVET PROJECT	Eritrea	Ongoing	30-Nov-201

5.3. União Europeia

Projeto	Compromisso (EUR)	Desembolsado (EUR)
Totais	61.109.978	14.670.807
Maximizing Employment Outcome of Investment in Africa (SCR.DEC.042342.01.1)	14.910.000	0
Civil Society Organisations as actors of Governance and Development Work in the Field (SCR.DEC.040919.02.3)	NA	406.157
EU-AU Skills Initiative (SCR.DEC.041286.03.1)	3.000.000	0
Annual Action Programme 2018 for the Instrument contributing to Stability and Peace - Conflict prevention, peace-building and crisis preparedness component (Article 4) (SCR.DEC.041357.01.1)	NA	1.220.446
Qualification of women in the agriculture and nutrition sector (2018001304)	NA	5.114.167
Skills Initiative for Africa, Phase II(2018137073)	21.999.975	0
Skills Initiative for Africa(2018000992)	NA	1.292.480
EU-AU Skills Initiative (SCR.DEC.041286.03.2)	13.200.000	1.442.500
Qualification for sustainable agricultural growth in Africa(2018001177)	NA	3.409.950
Skills Initiative for Africa, Phase III(2018140519)	8.000.003	0
Qualification for sustainable agricultural growth in Africa (2018000567)	NA	58.860
Skills Initiative for Africa (2016137016)	NA	1.726.247

Fonte: Comissão Europeia

5.4. Agência de Cooperação de França (AFD)

Projet	Pays	Thématique	Montant du financement	Type de financement
Encourager le développement de filières de formation aux métiers de la création numérique	Quénia	Emploi décent, Industries culturelles et créatives, Éducation et formation, Emploi	800000	Subvention
ARCEFA – Projet d'appui au réseau des centres d'éducation, de formation et d'apprentissage	Congo	Éducation et formation	8000000	Contrat de désendettement et de développement (C2D), Subvention
Développer les compétences et l'employabilité des jeunes	Congo	Éducation et formation, Emploi	8000000	Contrat de désendettement et de développement (C2D)
ADEFAC - La formation continue au service de la gestion durable des forêts	Cameroun, Congo, Gabon, République démocratique du Congo	Éducation et formation	5000000	Subvention
Compétences pour Demain	Bénin, Burkina Faso, Côte d'Ivoire, Guinée, Mali, Sénégal	Éducation et formation	2000000	Subvention ONG
Poursuivre le déploiement de l'initiative École et langue nationale en Afrique - ELAN 3	Madagascar, Burkina Faso, Burundi, Cameroun, Côte d'Ivoire, Guinée, Mali, Niger, République démocratique du Congo, Sénégal, Tchad, Togo	Éducation et formation	2000000	Subvention
Être solidaires pour la réussite des jeunes et des	Bénin, Burkina Faso, Cameroun, Madagascar, Mali, Maroc, Sénégal, Tchad, Togo	Éducation et formation	1800000	Subvention ONG

territoires ruraux MFR				

5.5. Agência de Cooperação do Luxemburgo

COUNTRY	CODE	TITLE
Burkina Faso	BKF/018	Implementing the National Education and Technical and Vocational Training Policy
Burkina Faso	BKF/026	Support to the National Education and Technical and Vocational Training Policy in Burkina Faso
Cabo Verde	CVE/081	Employment and Employability
Cabo Verde	CVE/085	Supporting the partnership between the Center for Renewable Energies and Industrial Maintenance (CERMI) and the Center of competence-Technical Engineering of Luxembourg (CdC-GTB)
Cabo Verde	CVE/881	Strengthening the regional positioning of the Center for Renewable Energy and Industrial Maintenance of Cabo Verde
Mali	MLI/022	Technical and Vocational Training
Níger	NIG/024	Support to the National Vocational Training and Professional Insertion Programme in Niger II
Níger	NIG/801	Socioeconomic development through support for training and youth professional integration in Agadez and Zinder regions
Senegal	SEN/032	Vocational and Technical Training and Employability
Senegal	SEN/801	Developing Employment in Senegal: Strengthening Employability and Business Competitiveness in Departure Areas